

Autora Top Mundial de Vendas
UM FENÓMENO NETFLIX

**JENNY
HAN**

**TEREMOS
SEMPRE
O VERÃO**

Pode um
primeiro amor
ser para sempre?

TOP
SEL
LER

#BLISS

*Para as minhas duas Emilys:
Emily van Beek, és a minha embaixadora de quan
Emily Thomas Meehan, fiquemos juntas para sempre
Com amor, a vossa miúda*

NAS NOITES DE QUARTA-FEIRA, QUANDO EU ERA pequena, eu e a minha mãe víamos musicais antigos. Era uma coisa nossa. Às vezes, o meu pai ou o Steven apareciam e assistiam a um bocado, mas éramos quase sempre eu e a minha mãe no sofá com uma manta e uma taça de pipocas doces, todas as quartas-feiras. Víamos *O Alegre Forasteiro*, *West Side Story*, *Não Há Como a Nossa Casa*, dos quais eu gostava de todos, e *Serenata à Chuva*, de que eu gostava mesmo. Mas, para mim, nenhum chegava aos calcanhares de *Como É Bom Amar*. De todos os musicais, *Como É Bom Amar* era o meu preferido. Via-o uma e outra vez, tantas vezes quantas a minha mãe aguentasse. Tal como Kim MacAfee diante de mim, eu queria usar rímel e batom e saltos altos e ter aquele «ar de mulher adulta feliz», queria ouvir os rapazes a assobiar e saber que era para mim. Queria crescer e ser como a Kim, porque ela tinha isso tudo.

E depois, chegada a hora de ir para a cama, eu cantava «Amamos-te, Conrad, oh, sim, amamos. Amamos-te, Conrad, e seremos reais» para o espelho da casa de banho com a boca cheia de pasta dos dentes. Cantava do fundo do meu coração de 8-9-10 anos. Mas não cantava para o Conrad Birdie, cantava para o meu Conrad. Conrad Beck Fisher, o rapaz dos meus sonhos de pré-adolescente.

Até hoje, só amei dois rapazes — ambos de apelido Fisher. O Conrad foi o primeiro e amei-o como se ama pela primeira vez. É o tipo de amor de quem não sabe tudo e não quer saber —

é entontecedor, pateta e intenso. Esse tipo de amor só acontece uma vez.

E, depois, houve o Jeremiah. Quando eu olhava para o Jeremiah, via passado, presente e futuro. Ele não conhecia apenas a rapariga que eu habitualmente era. Ele conhecia o meu eu presente e ainda assim amava-me.

Os meus dois grandes amores. Acho que sempre soube que um dia seria Belly Fisher. Só não sabia que ia acontecer desta forma.



capítulo 1

QUANDO SE CHEGA À SEMANA DOS EXAMES e se passou cinco horas seguidas a estudar, são necessárias três coisas para aguentar a noite. O maior granizado possível, metade cereja, metade cola. Calças de pijama, daquelas que já foram lavadas tantas vezes que são finas como papel. E, por fim, pausas para dançar. Montes de pausas para dançar. Quando os olhos começam a fechar-se e só se quer ir para a cama, as pausas para dançar ajudam a ultrapassar isso.

Eram quatro da manhã e eu estudava para o meu último exame de primeiro ano na Universidade Finch. Estava acampada na biblioteca da minha residência com a minha nova grande amiga, Anika Johnson, e a minha velha grande amiga, Taylor Jewel. As férias de verão estavam à porta, quase lhes sentia o gosto. Só faltavam cinco dias. Eu estava em contagem decrescente desde abril.

— Pergunta-me — ordenou a Taylor, com a voz arranhada.

Abri o meu bloco de notas numa página ao calhas.

— Defina *anima* por oposição a *animus*.

A Taylor mordeu o lábio inferior.

— Dá-me uma pista.

— Humm... pensa no latim.

— Eu não tive latim! Vai sair latim neste exame?

— Não, estava só a tentar dar-te uma pista. Porque em latim os nomes de rapazes acabam em *-us* e os de raparigas em *-a*, e *anima* é o arquétipo feminino e *animus* o arquétipo masculino. Percebeste?

Ela largou um grande suspiro.

— Não. O mais provável é chumbar.

Levantando os olhos do bloco de notas, a Anika disse:

— Se calhar, se parasses de trocar mensagens e começasses a estudar, não chumbarias.

A Taylor lançou-lhe um olhar fulminante.

— Estou a ajudar a minha irmã mais velha a planear o nosso pequeno-almoço de final de ano, por isso esta noite tenho de estar de plantão.

— De plantão? — A Anika pareceu divertida. — Como um médico?

— Sim, tal e qual um médico — disparou a Taylor.

— E então, panquecas ou waffles?

— Rabanadas, por favor.

Nós as três frequentávamos a mesma aula de Psicologia do primeiro ano e o meu exame e o da Taylor era no dia seguinte. A Anika tinha exame dali a dois dias. A Anika era a minha amiga mais chegada na escola, além da Taylor. Tendo em conta o quanto a Taylor é competitiva por natureza, foi uma amizade que lhe provocou uma boa dose de ciúmes, embora ela nunca vá admiti-lo, nem daqui a um milhão de anos.

A minha amizade com a Anika era diferente da minha amizade com a Taylor. A Anika era descontraída e uma companhia fácil. Não fazia julgamentos precipitados. Mas, mais do que isso tudo, dava-me espaço para ser diferente. Não me conhecia desde sempre, pelo que não tinha expectativas nem ideias preconcebidas. Havia uma certa liberdade nisso. E não era como nenhum dos meus amigos em casa. Ela era de Nova Iorque e o seu pai era músico de *jazz*, enquanto a mãe era escritora.

Um par de horas mais tarde, o Sol nascia e projetava no quarto uma luz azulada, e a Taylor estava de cabeça baixa, enquanto a Anika olhava para o vazio como uma zombie.

Enrolei duas bolas de papel no meu colo e atirei-as às minhas duas amigas.

— Pausa para dançar — cantarolei enquanto carregava no *play* no meu computador. Abanei-me um bocado na cadeira.

A Anika brindou-me com um olhar furioso.

— Porque é que estás tão animada?

— Porque — respondi, batendo com as palmas das mãos —, daqui a umas horas tudo terá acabado.

O meu exame era só às 13 horas, pelo que o meu plano passava por regressar ao meu quarto e dormir um par de horas, e depois acordar a tempo de estudar um pouco mais.

Dormi mais do que devia, mas ainda consegui estudar mais uma hora. Não tive tempo de ir ao refeitório para o pequeno-almoço, pelo que me limitei a beber uma *Cherry Coke* que retirei da máquina de venda automática.

O teste revelou-se tão difícil como seria de esperar, mas fiquei convencida de que tiraria pelo menos um B¹. A Taylor ficou convencida de que não chumbaria, o que era bom. Sentíamo-nos ambas demasiado cansadas para celebrar, pelo que nos limitámos a «dar cá mais cinco» e cada uma seguiu o seu caminho.

Regressei ao meu quarto na residência, pronta para uma sesta até, pelo menos, à hora do jantar, e quando abri a porta ali estava o Jeremiah, a dormir na minha cama. A dormir, fazia lembrar um menino, mesmo com a barba de três dias. Estava estendido em cima do meu edredão, com os pés dependurados sobre a beira da cama, agarrado ao meu urso de peluche.

Descalcei-me e subi sorrateiramente para a cama grande, deitando-me ao lado dele. Remexeu-se, abriu os olhos e disse:

— Olá.

— Olá — respondi.

— Como é que correu?

— Bastante bem.

¹ Por norma, o sistema de notas nas universidades norte-americanas vai de A a F, sendo A o valor mais elevado. [N. T.]

— Ótimo. — Largou o *Junior Mint* e abraçou-me. — Trouxe-te metade da minha sanduíche italiana do almoço.

— És um querido — disse eu, aninhando a cabeça no ombro dele.

Beijou-me o cabelo.

— Não posso permitir que a minha namorada falhe refeições a torto e a direito.

— Foi só o pequeno-almoço — salientei. Depois de pensar melhor, acrescentei: — E o almoço.

— Queres agora a sandes? Está na minha pasta.

Agora que pensava nisso, sentia fome, mas também sono.

— Talvez mais logo — disse, cerrando os olhos.

Ele voltou então a cair no sono, tal como eu. Quando acordei, estava escuro lá fora, o *Junior Mint* caíra ao chão e os braços do Jeremiah envolviam-me. Ele ainda dormia.

Tínhamos começado a andar mesmo antes de eu entrar para o meu último ano da secundária. «Andar» não seria o termo certo. Basicamente, estávamos juntos. Aconteceu tudo de maneira tão fácil e rápida que até parecia que sempre tinha sido assim. Num momento, éramos amigos, depois já nos beijávamos e, quando dei por ela, candidatava-me à mesma universidade que ele. Disse a mim mesma e a toda a gente que era uma boa escola, a poucas horas de casa e que fazia sentido candidatar-me, que mantinha as minhas opções em aberto. Tudo isso era verdade. Mas, acima de tudo, o que eu mais queria era estar junto dele. Queria-o em todas as estações, não apenas no verão.

Agora, ali estávamos, deitados na minha cama na residência universitária. Ele andava no segundo ano e eu acabava o meu ano de caloiira. Era uma loucura o ponto a que tínhamos chegado. Conhecíamos-nos desde crianças e, por um lado, até foi uma grande surpresa — mas por outro, parecia inevitável.



capítulo 2

A REPÚBLICA DO JEREMIAH IA DAR UMA FESTA de final de ano. Em menos de uma semana, partiríamos de Finch para regressarmos apenas no fim de agosto. Sempre apreciei mais o tempo de verão, mas, agora que ia finalmente regressar a casa, de certa maneira era agridoce. Estava habituada a encontrar-me todas as manhãs com o Jeremiah no refeitório para o pequeno-almoço e a tratar da roupa à noite na residência da república dele. Ele era bom a dobrar-me as t-shirts.

Naquele verão, ele ia estagiar de novo na empresa do pai e eu ia servir às mesas num restaurante familiar chamado Behrs, tal como fizera no verão passado. O nosso plano passava por nos encontrarmos na casa de praia de Cousins sempre que pudéssemos. No verão anterior, nem por uma vez lá conseguimos ir. Andávamos tão ocupados com os nossos empregos. Aproveitei todos os turnos para poupar dinheiro para a escola. Ao mesmo tempo, senti um pequeno vazio dentro de mim, no meu primeiro verão sem ir a Cousins.

Havia uns quantos pirilampos no exterior. Escurecera havia pouco e a noite não se apresentava muito quente. Eu usava saltos altos, o que era uma estupidez, dado que, num impulso de última hora, decidi ir a pé em vez de apanhar o autocarro. Calculei que fosse a última vez em muito tempo que atravessaria o *campus* numa noite agradável como aquela.

Convidara a Anika e a nossa amiga Shay para me acompanharem, mas a Anika tinha uma festa com o seu grupo de dança e a

Shay já terminara os exames e apanhara um avião para casa, no Texas. A república da Taylor estava a ter um encontro, pelo que ela também não vinha. Era apenas eu e os meus pés doridos.

Eu tinha enviado uma mensagem de texto ao Jeremiah a informá-lo de que ia a caminho, e a pé, pelo que levaria ainda um bocado. Tive de parar várias vezes para ajustar os sapatos, pois magoavam-me na parte de trás do pé. Cheguei à conclusão definitiva de que os saltos altos eram uma estupidez.

A meio caminho, vi-o sentado no meu banco preferido. Levantou-se assim que me viu.

— Surpresa!

— Não era preciso vires ter comigo — frisei, mas sentindo-me muito feliz por ele ter vindo. Sentei-me no banco.

— Estás muito sexy — comentou.

Mesmo agora, depois de já sermos namorados há dois anos, ainda corava um pouco quando ele dizia coisas assim.

— Obrigada — agradei. Eu trazia um vestido sem mangas que a Anika me emprestara. Era branco com flores azuis e alças de folhos.

— Esse vestido faz-me lembrar o *Música no Coração*, mas de uma maneira sexy.

— Obrigada — voltei a dizer. *Seria que o vestido me deixava parecida com a Fräulein Maria?*, pensei eu. Isso não me parecia nada bom. Alisei um pouco os folhos.

Um par de tipos que eu não conhecia parou para cumprimentar o Jeremiah, mas eu mantive-me quieta no banco para poder descansar os pés.

Quando se foram embora, ele perguntou:

— Pronta?

Resmoneei.

— Os meus pés estão a dar cabo de mim. Os saltos altos são uma estupidez.

O Jeremiah agachou-se e disse:

— Salta, rapariga.

Aos risinhos, trepei para as costas dele. Ria-me sempre que me chamava «rapariga». Não conseguia evitar. Era divertido.

Ele içou-me e eu abracei-o pelo pescoço.

— O teu pai vem na segunda-feira? — perguntou o Jeremiah enquanto atravessávamos o relvado principal.

— Sim. Vais ajudar, certo?

— Vá lá. Estou a transportar-te pelo *campus*. Também tenho de te ajudar a mudar?

Dei-lhe uma palmada na cabeça e ele esquivou-se.

— OK, OK — disse ele.

A seguir juntei os lábios ao seu pescoço e soprei, ruidosamente, fazendo-o gritar como uma menina. Ri-me durante todo o caminho.



capítulo 3

NA SEDE DA REPÚBLICA DO JEREMIAH, as portas estavam escancaradas e via-se gente a passear no relvado da frente. Havia luzes de Natal multicoloridas penduradas aleatoriamente por todo o lado — na caixa do correio, no alpendre da frente, até a delimitar o passeio. Instalaram três piscinas insufláveis de criança onde as pessoas se estendiam como se estivessem em banheiras. Viam-se tipos a correr com pistolas de água a esguicharem cerveja para a boca uns dos outros. Algumas das raparigas vestiam biquínis.

Saltei das costas do Jeremiah e descalcei-me na relva.

— Os caloiros fizeram um belo trabalho com isto — comentou o Jeremiah, assentindo de modo aprovador para as piscinas de criança. — Trouxeste fato de banho? — Eu abanei a cabeça. — Queres que veja se alguma das raparigas tem um a mais? — ofereceu.

— Não, obrigada — respondi logo.

Conhecia a república do Jeremiah de visitar a casa, mas não conhecia muito bem as raparigas. A maioria delas era da Zeta Phi, a república irmã da do Jeremiah. Isso significava que organizavam encontros e festas em conjunto, esse tipo de coisas. O Jeremiah quis que eu entrasse na Zeta Phi, mas recusei por não poder pagar as propinas e mais um extra para viver numa casa da república, mas foi mais por querer fazer amizade com todos os tipos de rapariga, não apenas as que conheceria na república. Segundo a Taylor, a Zeta Phi era para miúdas de festas e

cabras, em oposição à sua, alegadamente mais clássica e exclusiva. E muito mais focada no serviço comunitário, acrescentou após uma breve reflexão.

As raparigas continuavam a aparecer e a abraçar o Jeremiah. Disseram-me «olá» e eu respondi e depois subi as escadas para pousar a minha bolsa no quarto do Jeremiah. Ao descer as escadas, via-a.

A Lacie Barone, com calças de ganga justas, um top de seda e sapatos vermelhos de salto alto em pele que, no máximo, a deixavam com um metro e sessenta, conversava com o Jeremiah. A Lacie era a diretora social da Zeta Phi e andava no terceiro ano — era um ano mais velha do que o Jere e dois anos mais velha do que eu. O seu cabelo era castanho-escuro, a dar-lhe pelo queixo e cheio de movimento, e ela era baixa e magra. Pelos padrões de qualquer pessoa, era muito gira. Segundo a Taylor, tinha um fraquinho pelo Jeremiah. Eu disse à Taylor que isso não me incomodava minimamente, e estava a falar a sério. Porque é que me havia de interessar?

Era evidente que as raparigas gostavam do Jeremiah. Ele era o tipo de rapaz de quem as raparigas gostavam. Mas até uma rapariga gira como a Lacey não tinha efeito em nós. Éramos um casal com um passado de anos. Eu conhecia-o melhor do que ninguém, tal como ele a mim, e sabia que o Jere nunca olharia para outra rapariga.

O Jeremiah viu-me nessa altura e acenou-me para que me aproximasse. Acerquei-me deles e disse:

— Olá, Lacie.

— Olá — cumprimentou-me ela.

Puxando-me para ele, o Jeremiah disse:

— A Lacie no outono vai estudar para o estrangeiro, em Paris. — Virou-se para a Lacie e disse-lhe: — No próximo verão, nós queremos ir de mochila às costas viajar pela Europa.

Sorvendo a sua bebida, ela disse:

— Isso é porreiro. Que países?

— Sem dúvida que vamos a França — respondeu o Jeremiah.
— A Belly fala fluentemente francês.

— Isso não é verdade — corrigi, envergonhada. — Só tive aulas na secundária.

A Lacie disse:

— Oh, eu também sou um desastre. Para ser sincera, só quero ir para comer montes de queijo e chocolate.

Tinha uma voz surpreendentemente rouca para alguém tão pequeno. Pensei se fumaria. Sorriu-me e concluí que a Taylor se enganara em relação a ela, era simpática.

Quando se afastou uns minutos depois para ir buscar uma bebida, comentei:

— É simpática.

O Jeremiah encolheu os ombros e disse:

— Sim, é porreira. Queres que te vá buscar uma bebida?

— Pode ser — respondi.

Conduziu-me pelos ombros e plantou-me no sofá.

— Senta-te aqui. Não mexas nem um músculo. Volto já.

Observei-o a abrir caminho por entre a multidão, orgulhosa por poder chamar-lhe meu. O meu namorado, o meu Jeremiah. O primeiro rapaz ao lado de quem eu alguma vez adormeci. O primeiro rapaz a quem contei que entrei acidentalmente no quarto dos meus pais quando eles estavam em pleno ato, tinha eu 8 anos. O primeiro rapaz que me foi comprar *Midol* por causa das câibras terríveis da menstruação, o primeiro rapaz a pintar-me as unhas do pés, a segurar-me o cabelo enquanto eu vomitava daquela vez em que me embebedei a valer em frente a todos os seus amigos, o primeiro a deixar um bilhete de amor no quadro branco pendurado à porta do meu quarto na residência universitária.

ÉS O LEITE PARA O MEU BATIDO,
Para todo o sempre. Com amor, J.

Foi o primeiro rapaz que beijei. Era o meu melhor amigo. Cada vez mais, como vim a perceber. Era assim que devia ser. Era o tal. O meu tal.



capítulo 4

ERA MAIS TARDE, NAQUELA NOITE.

Dançávamos e eu tinha os braços em volta do pescoço do Jeremiah, e a música pulsava à nossa volta. Sentia-me corada e bastante animada, devido à dança e ao álcool. A sala abarrotava de gente, mas quando o Jere olhava para mim não havia mais ninguém. Apenas eu e ele.

Ele estendeu o braço e prendeu-me um fio de cabelo atrás da orelha. Disse algo que não ouvi.

— O quê? — gritei.

Ele gritou:

— Nunca cortes o cabelo, está bem?

— Tem de ser! Se não fico a parecer... uma bruxa.

O Jeremiah tapou os ouvidos e disse:

— Não te ouço.

— Bruxa! — Sacudi o cabelo em redor do rosto para enfatizar e fingi que mexia um caldeirão e casquinava.

— Gosto de ti *bruxosa* — disse-me ao ouvido. — E que tal aparar, apenas?

Gritei:

— Prometo não cortar o cabelo curto se prometeres desistir do teu sonho da barba!

Desde o Dia de Ação de Graças que falava em deixar crescer a barba, quando alguns amigos da secundária fizeram uma competição para ver quem deixava crescer mais. Disse-lhe que nem pensasse nisso, que me fazia recordar muito o meu pai.

— Vou pensar nisso — disse ele, beijando-me.

Sabia a cerveja, e provavelmente passar-se-ia o mesmo comigo.

Depois, o Tom, o «irmão» da república do Jeremiah — também conhecido por *Redbird*² por razões que eu desconhecia —, viu-nos e lançou-se na direção do Jeremiah como se fosse um touro. Andava em roupa interior e trazia na mão uma garrafa de água. E não eram bóxeres, mas sim uns *slips* brancos justos.

— Larga, larga! — gritou ele.

Começaram a pegar um com o outro na brincadeira e depois o Jeremiah prendeu o Tom pela cabeça, com a garrafa de água deste a derramar por cima de mim e do vestido da Anika.

— Desculpa, desculpa — murmurou ele. Quando o Tom estava mesmo bêbedo, dizia as coisas duas vezes.

— Não tem mal — disse eu, torcendo a saia e tentando não olhar para a metade inferior do corpo dele.

Afastei-me para limpar o vestido na casa de banho, mas deparei com uma fila enorme, pelo que fui à cozinha. Havia gente a tomar *body shots*³ na mesa da cozinha; outro «irmão» do Jeremiah, o Luke, lambia sal do umbigo de uma rapariga ruiva.

— Oi, Isabel — disse ele, olhando para cima.

— Hum, oi, Luke — respondi. A seguir, avistei uma rapariga a vomitar no lava-loiça e pirei-me dali.

Dirigi-me à casa de banho do primeiro andar. No cimo das escadas, espremi-me para passar por um casal que estava a curtir e sem querer pisei a mão do rapaz.

— Desculpa — disse eu, mas ele pareceu nem reparar, dado que tinha a outra mão na blusa da rapariga.

Quando por fim cheguei à casa de banho, tranquei a porta atrás de mim e suspirei de alívio. Aquela festa estava a revelar-se ainda mais louca do que o habitual. Calculei que com o final do ano

² Em português traduz-se por «pássaro vermelho». [N. T.]

³ Num *body shot* bebe-se uma bebida alcoólica, por norma tequila, diretamente do corpo de outra pessoa. [N. T.]

letivo à porta e os exames terminados, toda a gente extravasasse a tensão. Até fiquei satisfeita por a Anika não ter podido vir. Não seria a cena dela — nem sequer era a minha, aliás.

Esfreguei sabonete líquido nas manchas molhadas e cruzei os dedos para que não deixasse marcas. Alguém tentou abrir a porta e avisei:

— Só um segundo.

Enquanto ali estava, a esfregar o vestido, ouvi raparigas do outro lado a conversar. Não estava propriamente a prestar atenção até ouvir a voz da Lacie. Ouvi-a dizer:

— Ele hoje está particularmente giro, não achas?

Outra voz comentou:

— Ele está sempre giro.

Ela arrastou as palavras ao reagir:

— Se está.

Outra rapariga disse:

— Tenho tanta inveja por teres curtido com ele.

Numa voz cantarolada, a Lacie disse:

— O que acontece no Cabo, fica no Cabo.

De repente, senti-me zozna. Encostei-me à porta da casa de banho para me segurar. Não podiam estar a falar do Jeremiah. De maneira nenhuma.

Alguém bateu à porta e assustei-me.

Sem pensar, abri-a. A Lacie levou a mão à boca quando me viu. A outra rapariga parecia que tinha levado um soco no estômago. Senti uma dor física. Apercebi-me das outras raparigas a inspirarem com força, mas tudo se dissipou. Senti-me sonâmbula ao passar por ela e pelas raparigas, e ao percorrer o corredor.

Não podia acreditar. Não podia ser verdade. Não o meu Jere.

Fui para o quarto dele e tranquei a porta. Sentei-me na cama, com os joelhos puxados até ao peito, com aquilo a dar voltas e voltas na minha mente. *O que acontece no Cabo, fica no Cabo.* O olhar na cara da Lacie, o modo como as outras raparigas arquejaram. Aquilo passava repetidamente na minha mente, como

um filme. Os dois a conversarem naquela noite. O modo como ele tinha encolhido os ombros quando eu comentei que ela era simpática.

Eu tinha de ter a certeza. Tinha de o ouvir da boca do Jeremiah.

Saí do quarto dele e fui procurá-lo. Enquanto o fazia, senti o choque a transformar-se em raiva. Forcei a passagem por entre a multidão. Uma rapariga embriagada exclamou «Ei!» com uma voz arrastada quando lhe pisei o pé, mas não parei para lhe dizer «desculpa».

Encontrei-o, finalmente, parado lá fora a beber cerveja com os amigos da república. À porta, disse-lhe:

— Preciso de falar contigo.

— Só um segundo, Bells — disse ele.

— Não. Já.

O pessoal começou a abrir caminho e a dizer:

— Ai, ai, alguém está em apuros.

— O Fisher está tão tramado.

Esperei.

O Jeremiah deve ter percebido algo no meu olhar, porque me seguiu até ao interior da casa, pelas escadas acima e até ao seu quarto. Fechei a porta atrás de mim.

— O que é que se passa? — perguntou-me, com um ar bastante preocupado.

Praticamente cuspi as palavras.

— Andaste enrolado com a Lacie Barone nas férias da Páscoa?

O Jeremiah ficou lívido.

— O quê?

— Curtiste com ela?

— Belly...

— Eu sabia — sussurrei. — Eu sabia.

Apesar de não saber, na realidade. Eu não sabia nada.

— Espera lá, espera lá.

— Espera lá? — gritei. — Oh, meu Deus, Jere. Oh, meu Deus.

Afundi-me no chão. Já não me aguentava nas pernas.

O Jeremiah ajoelhou-se ao meu lado e tentou ajudar-me a levantar, mas eu afastei-lhe as mãos à palmada.

— Não me toques.

Baixou-se no chão junto a mim, com a cabeça dependurada entre os joelhos.

— Belly, foi quando estivemos separados. Quando acabámos. — Olhei fixamente para ele.

A nossa dita separação durara uma semana. Nem sequer foi uma verdadeira separação, pelo menos para mim. Sempre assumi que iríamos retomar. Passei a semana a chorar, enquanto ele estava no Cabo a beijar a Lacie Barone.

— Tu sabias que não era mesmo uma separação! Sabias que não era real!

Pesaroso, ele disse:

— E como é que eu ia saber?

— Se eu sabia, também devias saber!

Ele engoliu em seco e a sua maçã de Adão subiu e desceu.

— A Lacie não me largou a semana inteira. Não me deixava em paz. Juro-te, eu não queria curtir com ela. Simplesmente, aconteceu. — A voz dele soçobrou.

Senti-me tão imunda por dentro ao ouvi-lo dizer aquilo. Enojada. Não queria pensar nos dois, imaginá-los.

— Cala-te — ordenei. — Não quero ouvir.

— Foi um erro.

— Um erro? Chamas a isso um erro? Um erro é quando deixas os meus chinelos de duche no chuveiro e eles ficam com bolor e tenho de os deitar fora. Isso é um erro, seu idiota. — Desatei a chorar.

Ele não disse nada. Limitou-se a ficar ali sentado, a aguentar, de cabeça baixa.

— Já nem sei quem tu és. — Senti o estômago às voltas. — Acho que vou vomitar.

O Jeremiah trouxe-me o cesto do lixo que tinha junto à cama e eu vomitei, soluçando e chorando. Tentou massajar-me as costas, mas afastei-o logo.

— Não me toques — murmurei, limpando a boca com a parte de trás do braço.

Não fazia sentido. Nada daquilo. Não era o Jeremiah que eu conhecia. O meu Jeremiah nunca me magoaria assim. Nunca olharia para outra rapariga. O meu Jeremiah era de confiança, forte e estável. Eu não conhecia esta pessoa.

— Lamento — disse ele. — Lamento mesmo imenso.

O Jeremiah agora também chorava. *Bem feito*, pensei. Sofre como me fizeste sofrer.

— Quero ser absolutamente sincero contigo, Belly. Basta de segredos. — Então, ele foi-se completamente abaixo, chorando copiosamente.

Fiquei muito quieta.

— Nós fizemos sexo.

Antes sequer de me aperceber, a minha mão já estava a atingi-lo. Esbofetei-o com toda a força. Nem sequer estava a pensar. Estava apenas a fazer. A minha mão esquerda deixou uma marca vermelha irregular na bochecha direita dele.

Olhámos um para o outro. Eu não acreditava que lhe batera, e ele também não. O espanto ainda começava a registar-se no rosto dele, e provavelmente o meu ar de espanto seria idêntico. Eu nunca batera em ninguém.

Esfregando a cara, ele disse:

— Lamento imenso.

Chorei com mais intensidade ainda. Tinha-os imaginado enroscados, a curtir. Sexo nem sequer me passara pela cabeça. Fui tão estúpida.

Ele disse:

— Não significou nada. Juro-te que não.

Tentou tocar-me no braço e retraí-me. Limpando as faces, disse-lhe:

— Talvez para ti o sexo não tenha significado. Mas, para mim, tem, e sabias disso. Estragaste tudo. Nunca mais hei de confiar em ti.

Tentou puxar-me para ele, mas afastei-o. Em desespero, ele disse:

— Ouve o que te digo, o que se passou com a Lacie não teve qualquer significado.

— Pois para *mim* teve. E, obviamente, também teve para ela.

— Não estou apaixonado por ela! — gritou. — Estou apaixonado por ti!

O Jeremiah gatinhou para onde eu me encontrava. Envolveu os meus joelhos com os braços.

— Não vás — implorou. — Por favor, não vás.

Tentei afastá-lo, mas ele era demasiado forte. Agarrou-se a mim como se eu fosse uma jangada e ele estivesse no mar.

— Amo-te tanto — disse, com todo o corpo a tremer. — Sempre foste tu, Belly.

Eu queria continuar a gritar e a chorar e ao mesmo tempo encontrar uma forma de escapar àquilo. Mas não via nenhuma saída. Olhando para ele, sentia-me como se fosse feita de pedra. Ele nunca me desiludira. Fazê-lo agora tornava tudo muito mais complicado, porque eu não estava nada à espera. Era difícil acreditar que poucas horas antes ele me carregara às costas através do *campus* e que eu o amava mais do que nunca.

— Não dá para recuperar — disse eu, e com a intenção de o magoar. — O que éramos foi-se. Perdemo-lo esta noite.

Em desespero, ele disse:

— Dá, sim. Eu sei que dá.

Abanei a cabeça. As lágrimas regressaram, mas eu já não queria chorar mais, muito menos à frente dele. Ou com ele. Não queria sentir-me triste. Não queria sentir nada. Limpei a cara e levantei-me:

— Vou-me embora.

Ele ergueu-se, instável.

— Espera!

Passei à força por ele e peguei na minha bolsa pousada na cama. E depois saí porta fora, correndo pelas escadas abaixo e

para o exterior. Corri até à paragem de autocarro, com a bolsa a bater-me no ombro, os meus tacões a martelarem no passeio. Ia tropeçando e caindo, mas aguentei-me. Apanhei o autocarro precisamente quando ia a entrar a última pessoa e arrancou. Não olhei para trás para ver se o Jeremiah me seguira.

A minha colega de quarto, a Jillian, já fora mais cedo para casa para passar o verão e assim, pelo menos, tinha o espaço só para mim e podia chorar sozinha. O Jeremiah não parou de telefonar e enviar mensagens, o que me fez desligar o telemóvel. Mas, antes de me deitar, voltei a ligá-lo para poder ver o que me escrevera.

Sinto-me tão envergonhado.

Por favor, fala comigo.

Amo-te e hei de amar-te sempre.

Chorei com mais intensidade ainda.



capítulo 5

QUANDO ACABÁMOS EM ABRIL, ISSO SURTIU MESMO DO NADA. Sim, já tínhamos tido algumas discussões ocasionais, mas quase nem se podiam chamar discussões.

Tipo, houve uma ocasião em que a Shay estava a dar uma festa na casa de campo da avó. Convidou montes de gente e disse que eu também podia levar o Jeremiah. Nós íamos arranjar-nos e sair para dançar a noite toda. «Íamos todos passar lá o fim de semana», disse a Shay — ia ser de arromba. Senti-me tão feliz por ser incluída. Falei ao Jeremiah e ele disse que tinha um jogo de futebol regional, mas que eu devia ir na mesma. Perguntei:

— Não podes faltar? Nem é um jogo a sério.

Foi uma coisa parva de se dizer, mas eu disse-a, e falando a sério. Foi a nossa primeira discussão. Não uma discussão a sério, que envolvesse gritos ou isso, mas ele zangou-se, tal como eu.

Saíamos sempre com os amigos dele. De certa forma, fazia sentido. Ele já os tinha e eu ainda formava o meu grupo. Era preciso algum tempo para conhecer as pessoas e, passando eu tanto tempo na república dele, as raparigas da minha residência criavam laços sem mim. Senti-me como se tivesse abdicado de algo sem sequer me aperceber. Quando a Shay me convidou, isso teve um enorme significado para mim, e quis que também assim fosse para o Jeremiah.

E também havia outras coisas que me irritavam. Coisas que nunca tinha sabido acerca dele, coisas que eu nunca poderia ter sabido vendo-o apenas no verão na casa de praia. Tipo, como

ficava odioso quando fumava erva com os colegas de casa e comiam pizza de ananás e fiambre e ouviam *Gangsta's Paradise* do Coolio e passavam tipo uma hora a rirem-se.

Assim como as suas alergias sazonais. Nunca o vira na primavera, pelo que nem sabia que as tinha.

Ele ligou-me certa vez, a espirrar como um louco, todo entupido e de meter pena.

— Podes vir cá e ficar comigo? — perguntou, assoando o nariz. — E podes trazer mais lenços de papel? E sumo de laranja?

Contive-me para não lhe dizer, «Tens alergias, não a gripe suína».

Eu tinha ido no dia anterior à república do Jeremiah. Ele e o colega de quarto jogaram videojogos enquanto eu fiz os trabalhos de casa. Depois, vimos um filme de *kung fu* e encomendámos comida indiana, apesar de eu nem gostar muito desse tipo de comida por depois me dar a volta à barriga. O Jeremiah disse que quando as suas alergias batiam com força, a comida indiana era a única coisa que o fazia sentir-se melhor. Comi *naan* e arroz e senti-me irritada enquanto o Jeremiah engolia sofregamente frango *tikka masala* e via o seu filme. Às vezes, conseguia ser muito alheado e eu não podia deixar de pensar se seria de propósito.

— Eu gostava mesmo de poder ir, mas tenho uma dissertação para entregar amanhã — disse eu, tentando soar dividida em relação ao que fazer. — Por isso, se calhar é melhor não. Desculpa.

— Bem, acho que posso ir aí — disse ele. — Tomo uma tonelada de *Benedryl* e durmo enquanto tu escreves. Depois, se calhar, podemos voltar a encomendar comida indiana.

— Sim — respondi num tom maldisposto. — Podíamos fazer isso.

Pelo menos, não teria de apanhar o autocarro. Mas teria de ir à casa de banho da residência buscar um rolo de papel higiénico, porque a Jillian iria passar-se se o Jeremiah voltasse a esgotar-lhe os lenços de papel.

Eu não sabia que aquilo tudo estava a abrir caminho para a nossa primeira discussão a sério. Tivemos uma daquelas discussões de

gritos e choros, daquelas que prometi que nunca teria. Ouvira a Jillian a ter as suas por telefone, tal como raparigas da minha residência e a Taylor. Nunca pensei que aconteceria comigo. Julgava que eu e o Jeremiah nos entendíamos muito bem e que nos conhecíamos há imenso tempo para esse tipo de brigas.

Uma discussão é como um incêndio. Achamos que está controlado, que dá para o deter quando se quiser, mas, sem que nos apercebamos, é um ser vivo que respira e não há como controlá-lo, e é-se parvo por se ter pensado que dava.

De um momento para o outro, o Jeremiah e os seus irmãos da república decidiram ir para o Cabo nas férias da Páscoa. Encontraram uma promoção irresistível na Internet.

Eu já estava a planear ir a casa durante as férias. A minha mãe e eu íamos à cidade assistir a um espetáculo de ballet e o Steven também estaria em casa. Por isso, queria ir a casa, queria mesmo. Mas, ao ver o Jeremiah marcar a viagem, senti-me cada vez mais ressentida. Também era suposto ele ir a casa. Agora que o Conrad se encontrava na Califórnia, o Sr. Fisher passava muito tempo sozinho. O Jeremiah dissera que queria ir passar algum tempo com ele, talvez para visitarem juntos a sepultura da Susannah. Também havíamos falado de irmos a Cousins passar um par de dias. Ele sabia o quanto isso era importante para mim. Eu crescera mais lá do que na minha própria casa. E, sem a Susannah, parecia-me ainda mais importante que continuássemos a regressar lá.

Agora, ele ia para o Cabo. Sem mim.

— Achas mesmo que devias ir ao Cabo? — perguntei-lhe. Ele estava sentado à secretária, curvado sobre o computador e a teclar. Eu estava sentada na cama dele.

Ergueu o olhar, surpreendido.

— É uma promoção demasiado boa para deixar passar. Além disso, todos os meus manos vão. Não posso falhar.

— Pois, mas pensei que ias a casa passar algum tempo com o teu pai.

— Posso fazer isso nas férias do verão.

— Ainda faltam uns meses até ao verão. — Cruzei e descruzei os braços.

O Jeremiah franziu o sobrolho.

— O que é que se passa? Estás preocupada por ir sem ti nas férias da Páscoa?

Senti as faces a enrubescer.

— Não! Podes ir onde quiseres, não me interessa. Só acho que seria simpático se passasses algum tempo com o teu pai. E tens a lápide funerária da tua mãe, que está pronta. Pensei que quiseses ir vê-la.

— Sim, e quero, mas posso fazer isso tudo depois do fim das aulas. Podes vir comigo. — Espreitou-me. — Estás com ciúmes?

— Não!

Agora, ele sorria.

— Preocupada com todos aqueles concursos de t-shirt molhada?

— Não! — Detestei que estivesse a transformar aquilo numa brincadeira. Era irritante ser a única chateada.

— Se estás assim tão preocupada, devias vir connosco. Vai ser divertido.

Ele não disse, «Se estás preocupada, não devias estar». Ele disse, «Se estás preocupada, devias vir connosco». Eu sabia que não era intenção dele dizê-lo daquela forma, mas ainda assim incomodou-me.

— Sabes bem que não tenho dinheiro. Além disso, não quero ir para o Cabo contigo e com os teus manos. Não vou para ser a única namorada e estragar-te a festa.

— Não serias. A namorada do Josh, a Alison, vai lá estar — disse o Jeremiah.

Então, a Alison tinha sido convidada e eu não? Endireitei-me.

— A Alison vai convosco?

— Não é isso. A Alison vai com a república dela. Vão arranjar uma série de quartos no nosso *resort*. Foi assim que soubemos da

promoção. Mas não vamos propriamente andar sempre juntos. Vamos fazer coisas de gajo, como corridas de carro no deserto. Alugar moto-quatros, fazer *rappel*, coisas dessas.

Olhei fixamente para ele.

— Então, enquanto andas nas corridas no deserto com os teus amigos, queres que eu conviva com um monte de raparigas que não conheço?

Ele revirou os olhos.

— Tu conheces a Alison. Vocês foram parceiras de *beer-pong*⁴ no torneio na nossa casa.

— Como queiras. Não vou para o Cabo. Vou para casa. A minha mãe tem saudades minhas. — O que eu não disse foi: «O teu pai também tem saudades tuas.»

Quando vi o Jeremiah simplesmente a encolher os ombros, tipo, *faz como quiseres*, pensei, *oh, que se lixe, vou dizê-lo*.

— O teu pai também tem saudades tuas.

— Oh, meu Deus, Belly, admite lá que isto não tem que ver com o meu pai. Estás paranoica por eu ir sem ti nas férias da Páscoa.

— Porque é que não admites logo que não querias que eu fosse?

Ele hesitou. Vi-o hesitar.

— Muito bem. Sim, não me importaria se isto fosse apenas umas férias de rapazes.

Levantando-me, eu disse:

— Bem, parece-me que haverá lá muitas raparigas. Diverte-te com as Zetas.

Agora, o pescoço dele começou a ficar ligeiramente encarnado.

— Se por esta altura ainda não confias em mim, não sei o que te dizer. Nunca fiz nada que te levasse a duvidar de mim. E, Belly, não preciso de ir de viagem com sentimentos de culpa por causa do meu pai.

⁴ Jogo cujo objetivo passa por enfiar uma bola de pingue-pongue num copo com cerveja ou outra bebida colocado na ponta de uma mesa. [N. T.]

Comecei a calçar-me e sentia-me tão zangada que as mãos tremeram quando tentei apertar os atacadores das sapatilhas.

— Não acredito como podes ser tão egoísta.

— Eu? Agora sou eu o egoísta? — Abanou a cabeça, com os lábios cingidos. Abriu a boca, como se fosse para dizer algo, mas depois fechou-a.

— Sim, nesta relação és sem dúvida o egoísta. Tem sempre tudo que ver contigo, com os teus amigos, com a estúpida da tua república. Sabes que acho a tua república uma completa estupidez?

Falando em voz baixa, ele perguntou:

— O que é que tem de tão estúpido?

— Não passa de um bando de meninos ricos a gastar o dinheiro dos pais, a copiar nos testes e a ir de ressaca para as aulas.

Parecendo magoado, ele disse:

— Nós não somos assim.

— Não me referia a ti.

— Referias, pois. Só porque não quero ir para médico isso faz de mim um preguiçoso?

— Não me venhas com o teu complexo de inferioridade — disse eu. Disse-o sem pensar. Era algo em que eu já tinha pensado, mas sem nunca o proferir. O Conrad é que queria ir para médico. O Conrad é que estava em Stanford, a trabalhar em part-time num laboratório. O Jeremiah era quem dizia às pessoas que andava a fazer uma licenciatura em *cervejologia*.

Olhou fixamente para mim.

— Que raio quer dizer isso de «complexo de inferioridade»?

— Esquece — disse eu. Demasiado tarde percebi que as coisas tinham ido mais longe do que pretendia. Gostaria de poder voltar atrás.

— Se me achas tão estúpido, egoísta e esbanjador, o que é que fazes comigo?

Antes de eu conseguir responder, antes de conseguir dizer-lhe, «Não és estúpido, nem egoísta, nem esbanjador», antes de conseguir pôr um fim à discussão, o Jeremiah disse:

— Que se foda. Não te faço perder mais tempo. Acabamos já tudo.

E eu repliquei:

— Perfeito.

Peguei na minha pasta dos livros, mas não saí imediatamente. Esperei que ele me impedisse. Mas não o fez.

Chorei todo o caminho até casa. Não podia acreditar que tínhamos acabado. Não me parecia real. Contava que o Jeremiah me ligasse naquela noite. Era uma sexta-feira. Ele partia no domingo de manhã para o Cabo e também não ligou nessa altura.

As minhas férias da Páscoa consistiram em passar o dia deprimida em casa, a comer batatas fritas e a chorar. O Steven disse:

— Descontraí. Ele só não te telefonou por ser muito caro ligar do México. Para a semana vocês já estão juntos, é garantido.

Eu tinha praticamente a certeza de que ele não se enganava. O Jeremiah precisava apenas de algum espaço. OK, tudo bem. Quando regressasse, iria ter com ele e pedir-lhe desculpa e resolveríamos as coisas, e seria como se nada daquilo tivesse acontecido.

O Steven tinha razão. Reatámos uma semana depois. Fui ter com ele e pedi-lhe desculpa, e ele também pediu desculpa. Nunca lhe perguntei se acontecera algo no Cabo. Nem sequer me passara pela cabeça. Ele era um rapaz que me amara desde sempre e eu uma rapariga que acreditava nesse amor. Nesse rapaz.

O Jere trouxe-me uma pulseira de conchas. Pequenas conchinhas brancas. Deixou-me tão feliz. Porque percebi que pensara em mim, que sentira tanto a minha falta como eu a dele. Ele sabia, tal como eu, que aquilo que havia entre nós não acabara, que nunca acabaria. Passou toda aquela semana depois das férias da Páscoa metido no meu quarto, a sair comigo e não com os manos da república. Isso deu com a minha colega de quarto, a Jillian, em louca, mas eu não queria saber disso. Sentia-me mais próxima dele do que nunca. Sentia-lhe a falta até quando ele ia às aulas.

Mas, agora, eu conhecia a verdade. Tinha-me comprado aquela estúpida pulseira barata por se sentir culpado. E eu estava tão desesperada por reatar as coisas que não tinha percebido.

**«A VIDA PODE SEGUIR EM DUAS DIREÇÕES.
É PEGAR OU LARGAR.
ESTE FOI UM DESSES MOMENTOS. GRANDIOSO.
NÃO OS HÁ MUITO MAIORES DO QUE ESTE.»**

Juntos há dois anos, Belly e Jeremiah tornaram-se inseparáveis. A relação está mais forte do que nunca, apesar dos erros cometidos...

Prestes a conseguir o seu final feliz, e com a certeza de que Jeremiah é a sua alma gémea, Belly rumo à casa de praia, o lugar perfeito para parar e respirar. Mas o reencontro com Conrad desperta a nostalgia de um primeiro grande amor que se guardou em segurança. Será que a relação com Jeremiah tem mesmo futuro? E terá Belly realmente esquecido Conrad?

Não é possível fugir ao destino, nem apressá-lo. Mas agora chegou o tão aguardado momento em que Belly tem de decidir, de uma vez por todas, qual dos dois irmãos conquistou definitivamente o seu coração. Neste verão, nada ficará como dantes.

**Um desenlace verdadeiramente emocionante
para uma inesquecível história de amizade e amor.**

LÊ TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-93-5



9 789898 917935

Ficção Romântica